

## A DISCIPLINA *HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA* EM DEBATE

Rosalvo do Valle  
UFF/ABF/LLP

No primeiro semestre de 2003, a equipe de professores do Curso de Especialização, em boa hora criado pelo Instituto de Língua Portuguesa e acolhido sem reservas pelo Liceu Literário Português, discutiu demoradamente um currículo que, quanto possível, atendesse àquilo que sua longa experiência no ensino universitário aconselha para a formação do professor de português. E foi unânime a aprovação de História da Língua Portuguesa como disciplina obrigatória. O mesmo ocorreu, por motivos óbvios, com Português do Brasil.

Entre as razões dessa unanimidade uma foi inquestionável: a ausência de estudos de história da língua nos cursos superiores de Letras, facilmente comprovável pelos currículos das instituições de ensino superior do Rio de Janeiro. É verdade que alguns programas incluem conteúdos relacionados à história e à geografia da língua, com informações, sem dúvida, importantes não só para a história da língua, mas também para uma visão geral do mundo lusofônico. Aliás, algumas boas gramáticas, destinadas ao ensino médio, incluem essas noções e até esplendidamente, como a de Celso Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, 4ª edição, Fename, 1977 (que, lamentavelmente, o Ministério da Educação não edita mais), síntese que ainda hoje os estudantes de Letras consultarão com grande proveito. Alguns cursos, dizíamos, incluem noções de história externa e interna em um ou dois semestres, mas isoladas, sem conexão com a programação geral, que, de fato, privilegia estudos descritivos de natureza sincrônica. Nesse curto espaço de tempo o professor fará o que for possível, sem talvez ter condições de relacionar, como convém, os fatos lingüísticos aos fatos histórico-sociais, tendo em vista aquele objetivo que mestre Serafim da Silva Neto já propusera na introdução da *História da Língua Portuguesa*:

*esboçar, tão clara e documentadamente quanto possível, a formação da língua portuguesa e a sua história como instrumento de uma coletividade humana. O que vale dizer, história da língua como história dos homens que a falam. (1)*

Com referência a história interna, não estranha que alguns programas se limitem a mudanças fonéticas no percurso histórico da língua, um exercício sobre metaplasmos, no sentido de alterações fonéticas que se processam na evolução lingüística, quase sempre sem a contextualização das formas em documentos da época. Acresce a tudo isso o descaso pelo latim, também reduzido a um semestre, às vezes dois, apenas para cumprir as exigências oficiais. A esse respeito cabe lembrar que algumas faculdades cumprem exemplarmente o esvaziamento do latim, muito claro no voto em separado dos conselheiros Anísio Teixeira e Abgar Renault no Parecer 283/62 que estabeleceu os novos currículos de Letras:

*Somos favoráveis ao parecer, com esta ressalva:*

*Julgamos que no currículum mínimo de Letras não há lugar para o estudo obrigatório de latim, não porque tal estudo não seja útil, conveniente e eficaz no enriquecimento da formação do professor, senão porque o currículum é mínimo e o estudo não é essencial.(2)*

Com uma carga horária reduzidíssima é impossível ir além do *minimum minimorum* de gramática latina, o que vale dizer noções de latim clássico. O latim vulgar é lembrado apenas para a velha comparação entre essas duas variedades lingüísticas.

Convenhamos que é um esvaziamento da fundamentação histórica, procedimento extremamente desmotivador até mesmo para o aluno interessado nesses estudos, que terá de superar deficiências com créditos suplementares, de modo assistemático, com grave prejuízo para a formação do futuro professor de português.

Essa visão redutora pode ser desastrosa, quando o professor, instado a demonstrar um conhecimento mais abrangente da língua em seu percurso histórico – além das noções gramaticais do ensino fundamental e médio – não tem como fazê-lo. Um exemplo tristemente expressivo ocorreu em recente concurso público de uma universidade federal de nosso estado: sete candidatos, *todos doutores*, foram inabilitados na prova escrita de livre docência, em razão do ponto sorteado: Visão diacrônica do gênero e do número em português!...

2. Não é necessária uma especial percuciência para entender esse desconhecimento da história da língua. Sabem todos os professores, especialmente os que se dedicam a historiografia lingüística brasileira, que há algumas décadas, a partir dos anos sessenta, implantou-se no ensino do português a moderna orientação lingüística estruturalista, que privilegia a interpretação descritiva sincrônica, substituindo a tradicional orientação filológica historicista, que privilegiava o desenvolvimento diacrônico.

Aliás, os anos sessenta ficaram marcados como época de mudanças e reformas em todos os setores do conhecimento, a exigirem novos posicionamentos diante de desafios cada vez mais surpreendentes que a partir de então se têm apresentado. Na área da educação as reformas de ensino são um exemplo eloqüente. Na área dos estudos lingüísticos instalou-se um conflito doutrinário com repercussões metodológicas mais ou menos profundas. E, por indesejável que seja essa oposição radical, o certo é que se formaram dois grupos: o dos filólogos e o dos lingüistas, quando o desejável seria a contribuição de uns e outros para o enriquecimento dos estudos da língua. Sabemos todos que, no início, o estruturalismo assumiu orientação francamente sincrônica, de acordo, aliás, com a doutrina saussuriana. Diz, com autoridade, o professor Mattoso Câmara:

*A orientação estruturalista surgiu... com a reivindicação de uma lingüística descritiva.*

*Saussure, a rigor o primeiro estruturalista ostensivo, só o foi como sincronista. A mudança lingüística... lhe parecia uma ruptura do sistema de forças externas. Por isso, na diacronia manteve a posição anterior dos neogramáticos. (3)*

Esclareça-se, desde logo, que Mattoso Câmara, introdutor do estruturalismo lingüístico no Brasil, que nos legou preciosos estudos para a descrição do português, também associou intimamente a descrição gramatical à lingüística sincrônica (4), mas nunca perdeu de vista a perspectiva diacrônica, sendo o autor do primeiro compêndio de história da língua em moldes estruturais – a *História e estrutura da língua portuguesa* (5).

Desde as primeiras publicações, em 1934, como “*Pequenas lições de português – A etimologia de escapar*” (breve artigo publicado no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro), Mattoso Câmara não deixou de escrever sobre história da língua, como procurei ressaltar no artigo de *Confluência*, nºs 27 e 28, p. 67-73.

3. Apesar de vitoriosa a nova orientação lingüística, é sabido que a *História e estrutura da língua portuguesa* não teve entre nós a repercussão que merecia. A professora Rosa Virgínia Mattos e Silva entende que a razão está em que “predominava no Brasil a orientação gerativista” (6). A obra mais difundida continuou a ser a *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho, hoje editada por Ao Livro Técnico S/A – Indústria e Comércio, livro afortunado, que desde os anos quarenta vem recebendo de filólogos e lingüistas crítica muito favorável, e dos leitores em geral uma impressionante aceitação. O próprio Mattoso Câmara mais de uma vez manifestou seu juízo crítico em tom

elogioso, sem deixar de se posicionar quanto a pontos doutrinários fundamentais, como procurei mostrar no artigo *Ismael de Lima Coutinho: o Homem e a Obra*, publicado em *Confluência* nº 20, p. 9-44.

Ainda hoje lingüistas e filólogos afinados com orientações lingüísticas contemporâneas reconhecem o valor desse livro. Um dos nomes mais expressivos, a professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, assim conclui sua apreciação:

*É este um exemplo de como uma obra construída nos moldes historicistas oitocentistas ainda pode prestar válidos serviços às jovens gerações, se utilizada, situando-a, criticamente, na vertente teórica que foi o seu modelo. (7)*

4. Com outros mestres parece-me ocorrer no Brasil o que Eugênio Coseriu observou, em 1968, sobre um certo ecletismo da lingüística latino-americana:

*o que parece ser-e até é- ecletismo numa dada época, é também, numa perspectiva histórica mais ampla, abertura ideológica e antidogmatismo, não-limitação a uma única tradição. (8)*

Em história da Língua Portuguesa, sem negar sua formação tradicional, quer dizer, neogramatical – solidamente estabelecida pela escola de Leite de Vasconcelos – alguns mestres superaram velhas formulações propondo outras mais aceitáveis à luz de orientações lingüísticas modernas. Uns mais parcimoniosamente, como Ismael Coutinho; outros mais abertamente, como Serafim da Silva Neto. No balanço crítico de 1968, já referido, Mattoso Câmara não lhe poupa elogios, apesar das discordâncias compreensíveis:

*Serafim da Silva Neto introduziu um novo enfoque da lingüística diacrônica do português num extenso trabalho [História da língua portuguesa] onde coloca a história da língua dentro do quadro geral da história política e cultural. (9)*

Agora não era mais o dedo do gigante entrevisto por Mattoso Câmara no *Manual de Gramática Histórica*, de 1942, compêndio didático seguro, mas limitado ao programa oficial da quarta série do ginásio da época – da minha época. Na *História da Língua Portuguesa* está o próprio gigante. Com relação ao português do Brasil não é diferente a crítica mattosiana:

*Silva Neto também dedicou-se à história do português do Brasil... segundo o seu método característico, ele associa a história da língua, sua expansão no novo território e sua diferenciação em dialetos com os eventos políticos e culturais da colonização portuguesa. (10)*

Serafim da Silva Neto entre nossos filólogos foi, certamente, o mais fiel discípulo de Leite de Vasconcelos, o que seguiu mais de perto a lição de seu mestre declarado quanto ao entendimento de filologia como

*“o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua”* (11) – definição que os estudantes de meu tempo sabíamos de cor.

Entende-se, pois, sem dificuldades, a confessada admiração e o apreço de dois nomes ilustres, nascidos também em 1917, que viam em Serafim da Silva Neto “o mais atualizado lingüista - filólogo que tivemos em qualquer época” (Celso Cunha); “o máximo filólogo de minha geração nas duas grandes pátrias da língua comum” (Gladstone Chaves de Melo).

5. Este texto foi elaborado principalmente para os alunos do Curso de Especialização do Liceu Literário Português, todos graduados em Letras, que aprenderam em Lingüística que a língua é um objeto histórico; que funciona sincronicamente, mas se constrói diacronicamente; que a famosa dicotomia saussuriana se refere a duas perspectivas do estudo da língua, que, porém, não se excluem, etc, etc. Mas em Língua Portuguesa receberam a formação de todos os outros, e, como eles, desconhecem quase inteiramente a história da língua.

A hegemonia ainda é dos estudos descritivos sincrônicos, desde os anos sessenta – época da inclusão de Lingüística como disciplina obrigatória nos cursos de Letras. A historiografia lingüística brasileira cada vez mais tem examinado esse assunto, e seria muito recomendável que os estudantes tomassem conhecimento da riquíssima produção de nossos mestres brasileiros, mais antigos ou mais modernos, e de sua contribuição aos estudos da língua portuguesa e do português do Brasil.

Pelos anos oitenta, como dissemos, manifesta-se um novo interesse pelos estudos diacrônicos. “Estará renascendo a Fênix-diacronia?” – pergunta a professora Rosa Virgínia. E ela mesma responde para aliviar nosso desassossego:

*A meu ver, a Fênix-diacronia não esteve morta nesses vinte anos [de 60 a 80], mas adormecida, na sombra, com ligeiros despertares.* (12)

E voltando ao assunto, noutro texto diz que, com orientações lingüísticas mais recentes,

*um novo interesse começou a ser despertado entre lingüistas e pós-graduandos no Brasil, sobretudo em busca de interpretações históricas para o português brasileiro e suas diferenças em relação ao português europeu.* (13)

É preciso reconhecer que se alguns trabalhos deram a esperança de um desejado renascimento, esta linha de pesquisa não parece ter ainda atraído muitos estudiosos. São trabalhos isolados, decorrentes de motivações pessoais, ou da forte liderança de alguns orientadores. A própria Rosa Virgínia, comentando uma pesquisa da lingüista Leda Bisol, reconhece que de duzentas e trinta e sete dissertações e teses sobre a Língua Portuguesa catalogadas pela CAPES apenas três abordam problemas diacrônicos:

*uma sobre a situação dos pronomes átonos do século XVIII ao XX; um estudo contrastivo do sistema fonológico do português e do latim e a terceira sobre o vocabulário do Leal Conselheiro, texto do século XV. Esses dados indicam que a diacronia pesa pouco nos interesses dos pós-graduandos em Letras no Brasil.* (14)

6. Hoje, porém, no Brasil e em Portugal as publicações sobre variação e mudança lingüística têm revelado grande interesse não só pelo plano sincrônico, mas também pelo diacrônico. Parece, então, “ultrapassada e superada a incompatibilidade entre sincronia e diacronia”, como disse a professora Clarinda de Azevedo Maia, da Universidade de Coimbra, no bem pensado artigo *Algumas reflexões sobre a disciplina “História da Língua Portuguesa”* (15), a que voltaremos.

Entre nós já há um número apreciável de publicações recentes em que novas abordagens se beneficiam da formação filológica e da formação lingüística nesse outro despertar de nossa Fênix-diacronia.

O noticiário de eventos universitários – colóquios, encontros, semanas de estudos – registra o interesse cada vez maior pela história da língua. E há claros sinais de novas esperanças para os estudos diacrônicos. Mas, repito, são motivações isoladas, cuja “produção científica” fica arquivada na restrita área departamental. É pena que as universidades não divulguem mais e melhor os bons frutos da atividade universitária, docente e discente.

Com os dados de que disponho neste momento, parece-me, de fato, haver “uma motivação para os estudos histórico-diacrônicos” no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como um trabalho de equipe, a julgar pelo texto, ainda de Rosa Virginia Mattos e Silva, publicado em *Português Brasileiro* (16). A autora relata um programa vitorioso iniciado nos anos noventa, cujos frutos já estamos colhendo com publicações que enriquecem a nossa bibliografia lingüístico-filológica, no sentido de que, dentro de orientações lingüísticas atuais, repensam criticamente algumas obras clássicas dessa área. Da autora, temos utilizado os dois volumes da Editora Contexto em co-edição com a UFBA, *O português arcaico: fonologia* e *O português arcaico:*

*morfologia e sintaxe*. O Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento, publicou a obra coletiva *A Carta de Caminha – Testemunho lingüístico de 1500*, de que deu notícia o professor Maximiano de Carvalho e Silva em *Confluência 19*. A professora Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio ofereceu-nos em bela edição os *Processos de Gramaticalização do latim ao português – uma abordagem funcionalista* (Salvador, UFBA, 2002), inicialmente sua tese de doutoramento. Cito apenas duas obras que foram objeto de comentários especiais em um de nossos cursos do Liceu Literário Português. É, porém, recomendável, a leitura integral do texto da professora Rosa Virgínia, para conhecimento da enriquecedora contribuição bahiana, ainda inédita, no campo da história da língua. E não pode passar sem registro o intercâmbio lingüístico-filológico que se vem consolidando com o eixo universitário Bahia-S.Paulo, com vista a novas formulações sobre o português brasileiro.

Nas considerações sobre a contribuição nacional, e dentro dos objetivos deste texto, cabe também registrar a feliz iniciativa do professor Segismundo Spina, de “*empreender uma história da língua portuguesa, concebida dentro de padrões didáticos e ao alcance de estudantes de letras desejosos de um conhecimento imediato e sucinto da matéria*”, que a Editora Ática publicou na Série Fundamentos (17). Trata-se, a nosso ver, de uma iniciação que poderá motivar os estudantes de Letras para a consulta às obras da bibliografia cuidadosamente comentada no final dos seis volumezinhos preparados por diferentes especialistas.

7. Em Portugal há também um notável reavivamento dos estudos de história da língua, com inúmeras publicações recentes de grande valor. Vou aqui limitar-me a alguns textos que têm sido discutidos em nosso Curso de Especialização.

Em primeiro lugar, o artigo referido no item anterior, *Algumas reflexões sobre a disciplina “História da Língua Portuguesa”*, que me foi lembrado pelo prof. Maximiano de Carvalho e Silva e dele recebeu referência especial nas Notas e Comentários na *Confluência* nº 19. É um artigo programático, de leitura obrigatória, cujo subtítulo “Sua importância na formação de professores de Português” não deixa dúvida sobre o objetivo central da autora, e, certamente, de sua preocupação maior. Precisamente o que desejávamos trazer a debate. A professora Clarinda, com competência e senso pedagógico, aborda questões básicas que nunca deveriam ser esquecidas como a historicidade da língua, a explicação histórica e o conhecimento prático, a consciência da tradição lingüística para chegar à necessidade da complementação da visão sincrônica do português contemporâneo com a visão histórica, “que esclarece algu-



mas perplexidades do presente”. E enumera, explicando-as, questões específicas nos planos fônico, mórfico, sintático e semântico.

A segunda obra desse saudável e tão esperado renascimento é *História da Língua e História da Gramática*, linda publicação da Universidade do Minho (18). Dos vinte e nove artigos, dois dizem diretamente com o nosso assunto; a) *Dos textos escritos à história da língua*, da mesma Clarinda de Azevedo Maia, e b) *Mudanças sintáticas e História da Língua Portuguesa* da professora Ana Maria Martins, da Faculdade de Letras e do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. O primeiro focaliza alterações conceituais e metodológicas que a lingüística histórica já incorporou, como as que se referem a mudança e variação lingüística. Reflexões que acordaram em nós algumas já postas por Serafim da Silva Neto na riquíssima introdução de sua *História da Língua Portuguesa*, em que Mestre Serafim também já valoriza o falante, o “como” e o “porquê” (e não só o “quando”), e valorizava os textos menos formais e mais próximos da oralidade (e não só os textos “literários”).

O segundo artigo faz justiça ao grande Mestre brasileiro, o professor Said Ali, reconhecidamente um dos mais argutos sintaticistas da língua portuguesa, e toca a questão melindrosa e de difícil abordagem da periodização da língua. Ivo Castro vê na divisão do tempo das línguas em períodos “uma ilusão útil”, e admite que usemos da periodização “desde que não confiemos demasiado nela”. (19)

A professora Ana Maria Martins acolhe, entre autores brasileiros, a proposta de periodização de Said Ali e a de seu discípulo Evanildo Bechara, que discutiu demoradamente a questão numa tese de concurso, em 1985, ainda inédita (20).

A terceira obra deste balanço sumário e muito incompleto é de 1994, *Variação lingüística – no espaço, no tempo e na sociedade* (21). Interessam mais especificamente a nosso propósito dois estudos: a) *A dinâmica da língua – implicações num estudo sincrónico*, da professora Maria José Marçalo, da Universidade de Évora, e b) *Tentativa de cenário para tš > š*, do professor Luís Prista, da Faculdade de Letras de Lisboa. No primeiro a autora defende o conceito de sincronia dinâmica, de André Martinet: “Defendemos... uma visão dinâmica dos factos lingüísticos, tanto numa perspectiva diacrônica como sincrônica...”. “Evolução e funcionamento não são realidades contraditórias”. Estas considerações nos lembram algumas da professora Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio na sua abordagem pancrônica do estudo da língua, no que se refere à teoria da gramaticalização (22), ao dizer, por exemplo, que “a sincronia e a diacronia não podem estar separadas”.

O artigo do professor Luís Prista trata da história da consoante africada, conhecida desde o galego-português e atestada ainda hoje em Portugal e no



Brasil. O estudo vem enriquecido, além do mais, de uma rica bibliografia comentada.

Finalmente, não podem ficar sem registro os trabalhos do professor Ivo Castro, de incontestável liderança cultural, sempre muito atento à produção científica brasileira, e não só na área de que estamos tratando. O *Curso de História da Língua Portuguesa*, de 1991, e a novíssima *Introdução à História do Português*, de 2004, estão presentes na orientação de nossos cursos (23).

8. Também não pode ficar sem uma referência especial, e obrigatória, a *História da Língua Portuguesa*, de Paul Teyssier, valorizada em português pela tradução de Celso Cunha; livrinho denso, que em cento e poucas páginas consegue traçar um seguro roteiro histórico da língua portuguesa, do latim até hoje, e em todo o mundo lusófono. Uma síntese de Mestre, moderna e original, a desafiar a capacidade didática do professor para um curso de sessenta horas-aula a alunos que não trazem da graduação os pré-requisitos desejáveis.

Para concluir bem estas linhas mal alinhavadas vem a calhar uma reflexão da professora Clarinda de Azevedo Maia, que resume admiravelmente o que pensamos sobre história da língua, e, pois, sobre a necessidade de seu estudo:

*“Ao mesmo tempo que pusemos em relevo que qualquer estudo sólido da língua tem que atender também à perspectiva histórica, pelo facto de a historicidade ser uma dimensão essencial das línguas naturais, evidenciou-se igualmente que uma plena compreensão de certas características do momento presente da língua portuguesa só tem lugar se se conhece a sua gênese e desenvolvimento histórico”* (24)

## Referências

- (1) SERAFIM DA SILVA NETO. *História da língua portuguesa*, 3ª. Edição, I.N.L./Presença, Rio de Janeiro, RJ, 1979, p.54.
- (2) *Documenta* n° 10/62, M.E.C., C.F.E.
- (3) J. MATTOSO CÂMARA JR. *O estruturalismo lingüístico*, in *Tempo brasileiro*, 15/16, p.35.
- (4) \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*, 3ª. Edição, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ, 1972, página V.
- (5) \_\_\_\_\_. *História e estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão, Rio de Janeiro, RJ, 1975.

- (6) ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA. *Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Lingüística Histórica no Brasil*, in: D.E.L.T.A., vol.4, nº 1, 1988, p.109
- (7) \_\_\_\_\_, *ibidem*, p. 101.
- (8) EUGÊNIO COSERIU. *Perspectivas Gerais*, in: *Tendências atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*, organização de Anthony Julius Naro, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, RJ, 1976, p. 39.
- (9) J. MATTOSO CÂMARA JR. *A Lingüística brasileira*, in: *Tendências atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil...*, p. 54
- (10) \_\_\_\_\_, *ibidem*, p. 55.
- (11) Dr. J. LEITE DE VASCONCELOS. *Lições de Filologia Portuguesa*, 3ª. Edição, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959, p. 9.
- (12) *Fluxo e Refluxo*, p. 107.
- (13) ROSA VIRGÍNIA DE MATTOS E SILVA. *Sobre o “Programa para História da Língua Portuguesa” (PROHPOR) e sua inserção no projeto nacional “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB)*. In: *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Org.: Cláudia Roncarati e Jussara Abraçado, 7 Letras, Rio de Janeiro, RJ, 2003, p. 31.
- (14) *Fluxo e Refluxo*, p. 106 e 109.
- (15) CLARINDA DE AZEVEDO MAIA. *Algumas reflexões sobre a disciplina “História da Língua Portuguesa”...* In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXI, 1996-1997, Coimbra, p.421-445.
- (16) Ver o nº (13).
- (17) *História da Língua Portuguesa* (I), Editora Ática, Série Fundamentos, S.Paulo, 1989, p.6.
- (18) *História da Língua e História da Gramática* - Actas do Encontro. Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2002.
- (19) IVO CASTRO. *Introdução à História do Português – Geografia da língua. Português antigo*, Edições Colibri, Lisboa, 2004, p. 53.
- (20) EVANILDO BECHARA. *As fases históricas da língua portuguesa. Tentativa de proposta de nova periodização*. Tese de concurso para professor Titular da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1985.
- (21) *Varição lingüística – no espaço, no tempo e na sociedade*. Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Lingüística, Miranda do Douro, setembro de 1993. Associação Portuguesa de Lingüística, Edições Colibri, Lisboa, 1994.

(22)P. 23.

(23)IVO CASTRO. *Curso de História da Língua Portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa, 1971 // *Introdução à História do Português...* citada no n° (19)

(24)PAUL TEYSSIER. *História da Língua Portuguesa* – Tradução de Celso Cunha, Martins Fontes, São Paulo, SP, 1997.

(25)CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, op. cit. p.444.